

RAMADA CURTO

O TIO RICO

COMÉDIA EM 3 ACTOS



LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO
14, RUA DE BARROS QUEIRÓS, 18 — LISBOA

O TIO RICO

COMÉDIA EM 3 ACTOS

ORIGINAL DE RAMADA CURTO



LIVRARIA POPULAR

DE

FRANCISCO FRANCO

14, Rua de Barros Queiroz, 18

LISBOA

PERSONAGENS

JOSÉ LOURENÇO	<i>Assis Pacheco</i>
VILELA	<i>Antônio Palma</i>
JAN-JAN	<i>Alfredo Ruas</i>
DR. BAPTISTA	<i>Antônio Sacramento</i>
ALBERTO	<i>Alvaro Benamor</i>
MATOS — Tabelião	<i>Mendonça de Carvalho</i>
CARPINTEIRO	<i>Alfredo Pereira</i>
ANA BEZERRA	<i>Maria Matos</i>
JÚLIA	<i>Maria Helena M. de Carvalho</i>
ANGELA	<i>Amélia Pereira</i>
MARIA ANTÔNIA	<i>Mária de Avila</i>

I ACTO

Larga quadra de palácio antigo na provincia. É uma sala mobilada com móveis antigos. Serve de escritório. Prateleiras com livros e estantes nas paredes. Uma grande mesa de secretária à E. Ao fundo uma porta larga dando sobre o jardim. Avistam-se longes de paisagem. A-pesar dos móveis antigos há maples de repouso, sofás ao gosto moderno, misturados. Telefone sobre uma mesa. Um grande cofre-forte de segredo onde mais convenha. Encostada à parede do lado oposto um móvel enorme espécie de roupeiro em carvalho ou madeira preta, onde cabem à vontade uma chaise longue e duas pessoas.

CENA I

José Lourenço, Ana Bezerra, o Carpinteiro

(Ao levantar do pano José Lourenço fecha a chave a porta do armário mete a chave no bolso. Tem ao lado dêle o Carpinteiro).

JOSÉ LOURENÇO

E agora, mestre Joaquim, sobre isto caluda. Entendido?

CARPINTEIRO

Ó sr. José Lourenço! Basta o sr. recomendar... *(Olhando Ana Bezerra)* Mas há mais quem saiba.

J. LOURENÇO

A Ana Bezerra? Ele não entra na pinga, como vocês... Não vai à taberna ao domingo... E nunca foi curiosa...

ANA BEZERRA

(Que está junto de uma mesa pequena onde se vê que acabou alguém de almoçar). Patrão, Vocemecê não gosta do chá frio... Venha bebê-lo ande! E comer êste quarto de marmelada que não fica aqui a fazer nada...

J. LOURENÇO

Já vou. *(Ao carpinteiro)* Vê mestre Joaquim! Enquanto nós estivemos p'rá aqui a fazer êste *trafêgo* todo, veja lá se ela quis saber de outra coisa, senão que eu ainda não acabei de almoçar... Ela e o Jan-Jan só tem as curiosidades que eu lhes digo para terem... Bom. Adeus, mestre Joaquim! Passe pela cozinha beba e coma. E bico, hein!

CARPINTEIRO

Esteja certo... E não sou menos que a Ana e que o Jan-Jan!... E sei guardar um segredo...

J. LOURENÇO

Assim seja... *(O Carpinteiro sai).* *(Vai junto da mesa, come o quarto de marmelada, de pé).*

ANA

Assente-se... Que assim de pé nem lhe faz proveito, credo! E o dr. diz que vocemecê deve ter descanso...

J. LOURENÇO

Tu és tirânica, rapariga!

ANA

O patrão lá sabe se sou isso que diz. De baptismo chamo-me Ana e de alcunha sou Bezerra que já a minha mãe que Deus tenha também era... Beba o chá, ande!

J. LOURENÇO

(Escuta, bebe aos goles) Fôste levar a carta ao Matos, tabelião?

ANA

Fui, sim senhora.

J. LOURENÇO

Que disse?

ANA

Encolheu os ombros e respondeu que lhe dissesse, que vocemecê bem sabia que êle só tinha uma palavra... Tinha dito que sim era por que sim...

J. LOURENÇO

E a outra carta?

ANA

Credo! Eu nem gosto de entrar naquela casa.

J. LOURENÇO

Não te perguntei isso. Fôste ou não?

ANA

Está visto que fui.

J. LOURENÇO

E depois?

ANA

Óspoís diz que é só o patrão mandar dizer e pronto. Arranja tudo como se combinou.

J. LOURENÇO

Está bem. (*Limpando os beiços*) Estou almoçado...

ANA

Bom almoço, não há dúvida... Um cavador come melhor do que vocemecê. Ervas, marmelada e água quente com chá... Mais água do que chá...

J. LOURENÇO

Queixa-te ao Dr. Baptista que me não deixa pôr pé em ramo verde...

ANA

Não era a mim que êle punha a comer isso, não! Ervas, que as coma o gado!

J. LOURENÇO

Tu comes bem, Ana Bezerra, não comes?

ANA

Graças a Deus, patrão! O ponto é haver de quê. Vontade não falta e os dentes são rijos.

J. LÓURENÇO

Por isso és forte, és grande!... Se tivesses filhos haviam de ser fortes como tu... Porque é que não casas?

ANA

Eu? A mim ninguém me quer, patrão. Sou assim a modos abrutada e tenho um defeito numa vista...

J. LOURENÇO

Sabes que tenho pensado em te arranjar noivo?...

ANA

A mim!... *(Ri)* Então vocemecê deu agora em casamenteiro?... Eu sou uma feia...

J. LOURENÇO

A filha da Mariana moleira era côxa e casou...

ANA

Está bem de vêr... Tinha o moínho do pai...

J. LOURENÇO

A Joaquina do Garé também casou...

ANA

(Ri à gargalhada) Essa! Um rôr de vezes...

J. LOURENÇO

(Ri também) Eu falo de verdade... Lá está, casada e com filhos.

ANA

Olha, que admiração! Com um olival e uma vinha e uma morada de casas... Mas de que lhe serviu? O marido bebeu-lhe tudo... Ainda ontem ia a gritar atrás dêle: Bebedão! Estragador da minha casa! Larga o vinho bebedão!... Lá o foi buscar, à taberna do Côxo, a cair...

J. LOURENÇO

Coitada!...

ANA

(Encolhendo os ombros) Antão!... O home dela agora já não parece o mesmo, com o vinho, mas...
(Arrepende-se, não continua)

J. LOURENÇO

Mas, o quê? Diz o resto...

ANA

Não é nada... Já não parece o mesmo é o que eu disse... Vocemecê toma mais chá?

J. LOURENÇO

Não fuja, Ana Bezerra!... Diz o resto.

ANA

Antão que hei-de eu dizer! Vocemecê também põe logo coisas na ideia.

J. LOURENÇO

E a ideia que tu tiveste foi esta: que o homem da Garé antes de andar a cair pelas tabernas era um bonito rapaz... Foi ou não?

ANA

Vocemecê é que o diz. Que eu não entendo lá disso...

J. LOURENÇO

Sou eu que entendo então?

ANA

Não sei... Quer mais chá ou não quer?

J. LOURENÇO

Não. (Pausa) Os quartos para essa gente estão prontos?

ANA

Todos... Só falta eles virem.

J. LOURENÇO

Quantos são?

ANA

São cinco... Um de casal, p'ro sr. Vilela e a senhora, mais outros três... Não é!

J. LOURENÇO

Está bem. O *Chaufeur* que vá à estação aos comboios todos, p'ros que vem de Lisboa... Minha irmã essa, vem no seu carro...

ANA

O patrão está muito amigo de visitas...

J. LOURENÇO

Estou...

ANA

E amigo de família...

J. LOURENÇO

Pois também. E é preciso não esquecer: eu estou muito malzinho, muito doente...

ANA

Longe vá o agoiro... Mas lá que o patrão anda com ela fígada, anda!...

J. LOURENÇO

Agoiro ou não, é isto... E tu só tens que fazer o combinado quando eu disser... Eu digo: é hoje. E tu fazes.

ANA

Está bem. Já sei.

CENA II

Os mesmos, Jan-Jan (*é uma espécie de maluco, ligeiramente gago, esfarrapado, descalço, coxeia; fala às vezes rapidamente, outras a medo; é infantil e velhaco; usa barrete esburacado que trás na mão, porque tem dentro alguma coisa*).

JAN-JAN

(Da porta) Bons dias... patrão Zé...

J. LOURENÇO

Olá Jan-Jan... Estava aqui a falar de ti com a Ana Bezerra... Ela estava-me a dizer que te acha um lindo rapaz...

ANA

Credo! Olhe que êle acredita!

JAN-JAN

(*Rir de parvo*) Eu também gosto dela... É boa...

J. LOURENÇO

Ninguém te diz que seja má rapariga... Entra Jan-Jan...

JAN-JAN

Com licença... Vocemecê dá-me uma *bucha*?

J. LOURENÇO

(*Dá-lhe um pedaço de pão*) Pega... Não almoçaste ainda?

JAN-JAN

Já.

J. LOURENÇO

Aonde?...

JAN-JAN

Em casa dumas senhoras que estão no Outeiro...

J. LOURENÇO

No Outeiro? (*A Ana*) Quem são?

ANA

É uma gente de Lisboa que está no Outeiro a passar o verão na do Rouxinol...

JAN-JAN

São meninas... Mais lindas... Parecem Nossa Senhora... Têm caracóis como ela...

J. LOURENÇO

E tu gostas delas?

JAN-JAN

(Comendo a bucha) Gosto... (Com entusiasmo)
Mais bonitas, rapazes...

J. LOURENÇO

Também não te entendo!... Gostas de tôdas...
Gastas da Ana Bezerra, acha-la bonita, gostas des-
sas!... És um estouvado Jan-Jan. Se tivesse uma filha
não te queria para genro...

JAN-JAN

(Ri) Eu dansei para elas verem... E elas gosta-
ram. Riram muito... Deram-me de comer...

J. LOURENÇO

Ah, dansaste... A dança do costume, o dum-dum,
olaré?

JAN-JAN

Foi... Dum-dum, minha senhora, dum-dum!...
olaré!... (Ri e agita o corpo para a frente em medidas
como se dansasse, sem sair do mesmo lugar).

ANA

(Rindo) Está cada vez pior, êste pobre de
Cristo...

J. LOURENÇO

Olha, a Ana Bezerra está com ciumes... de tu
dansares para as outras...

JAN-JAN

(Ri muito contente, rir de parvo) O Jan-Jan tam-
bém gosta dela... (Agarrando no barrete) Tem aqui
uma prenda, dentro do barrete... Apanhei para ela...
Disse logo!... É p'rá Ana Bezerra!...

J. LOURENÇO

Eu não te digo Ana, que o Jan-Jan bebe os ven-
tos por ti?! (Jan-Jan mete a mão no barrete).

ANA

(Rindo) O patrão está a aticá-lo e sai asneira.

J. LOURENÇO

Deixa ver... Que diabo terá êle no barrete? É um tesoiro com certeza...

JAN-JAN

(Com a mão no barrete) Ai!...

J. LOURENÇO

O que é?

JAN-JAN

É que tem picos, o raio!

J. LOURENÇO

Tem picos?

JAN-JAN

Cá está... (*tira do barrete uma bola de picos; é um ouriço; a Ana*) Toma... Dou-te...

J. LOURENÇO

Um ouriço!

JAN-JAN

Toma... É para ti...

ANA

Para que quero eu isso, parvalhão!... Olha a prenda!

JAN-JAN

Parece um rato... Anda como os mais bichos... Tem uns olhos espertos... É bonito...

J. LOURENÇO

Bom. A Ana não quer... Guarda lá o ouriço... O melhor que tens a fazer, é soltá-lo, coitado...

JAN-JAN

(*Obedece guarda a bola no barrete*) Não faz mal. Dou a outra.

J. LOURENÇO

O canivete que eu te dei é que tu não dás a ninguém?

JAN-JAN

(*Sôfrego, aperta o colete*) A ninguém... É meu... Tem três fôlhas!... Está afiado, afiado!... É lindo... Corta tudo... O Jan-Jan gosta muito do patrão Zé... O patrão Zé é bom para mim.

CENA III

Os mesmos, Dr. Baptista

J. LOURENÇO

Obrigado. A gratidão, é bem certo, é a virtude dos cães e dos parvos. Os que têm juízo não são assim...

DR. BAPTISTA

(*Entrando ao fundo*) Venho encontrá-lo nas suas sete-quintas!... Entre o seu fiel escudeiro que é aqui a Ana e o Jan-Jan que é o seu bobo...

J. LOURENÇO

Depois do dr., é o meu melhor amigo...

BAPTISTA

Depois?... Está bem certo?

J. LOURENÇO

Se quer que lhe diga não sei bem. O sr. diverte-me menos do que êle. Não dança o «dum-dum minha senhora»...

BAPTISTA

Gosto dessa franqueza... Como vai isso?

J. LOURENÇO

Um pouco mais arrebitado... Sol de pouca dura...

BAPTISTA

(*Tomando-lhe o pulso*) Está ótimo... mesmo ótimo... Pulso esplêndido...

J. LOURENÇO

Dum jovem, não?

BAPTISTA

Sim... De sessenta anos...

J. LOURENÇO

Tira-me alguns... É favor. (*A Jan-Jan*) Bom. Jan-Jan vai lá p'rá cozinha... Diz à Rosária que te dê um copo... Mas um só!

JAN-JAN

Não tenho sêde... Posso ir aí p'rá porta, ao sol?... Estou quieto. Ninguém ouve o Jan-Jan... Deixa-me ir?

J. LOURENÇO

Se queres, vai... Mas não cantes...

JAN-JAN

O Jan-Jan não canta... Vai cortar com o canivete (*mostra um esplêndido canivete; vai para a porta, senta-se da banda de fora, corta um pequeno pau, faz desenhos*).

J. LOURENÇO

Vai com Deus... Você dr. não calcula a habilitade dêste pobre diabo a recortar madeira à navelha...

ANA

Quer mais alguma coisa?

J. LOURENÇO

Não... Põe-me aí um copo de água da bilha com um pouco de chá... Podes ir...

ANA

Sim, senhor... (*Aranja o côpo e sai*).

CENA IV

Os mesmos, menos Jan-Jan e Ana

BAPTISTA

Venho saber o que é essa pressa em me falar. Felizmente não é por estar pior...

J. LOURENÇO

Não. Não é. Mas é que preciso ter uma conversa muito séria consigo. Ou por outra, pedir-lhe um favor...

BAPTISTA

Às ordens... Está um calor de rachar pedras...

J. LOURENÇO

Dia esplêndido. Um dia de grande sol, de muita luz... Sabe você dr., que eu sempre desejei morrer num dia assim, em pleno Agôsto?

BAPTISTA

E se calhar... vai-se embora num dia de inverno, céu de chumbo, e vento...

J. LOURENÇO

Ora o sr., que sempre teve a mania de me contrariar!...

BAPTISTA

Que quer você que eu lhe faça! Não está na minha mão marcar-lhe o fim.

J. LOURENÇO

Não seja modesto que diabo! Você é meu médico assistente!

BAPTISTA

(*Risonho*) Eu também gosto da *piada*, mas hoje tenho pressa... Vou ainda à Ariosa ver o João Ferrador que está mal...

J. LOURENÇO

Com quê?

BAPTISTA

Um acidente profissional... O coice dum macho...

J. LOURENÇO

Já tenho apanhado...

BAPTISTA

Todos nós, em sentido figurado... O que me quer diga lá? Despache-se...

J. LOURENÇO

É simples. Eu queria que o dr. me dissesse olhos nos olhos, com inteira franqueza, como se fala a um homem, se isto dura muito ou vai depressa...

BAPTISTA

Não seja pateta homem! Você palavra, parece o Jan-Jan, com essa pergunta...

J. LOURENÇO

Meu caro dr., Baptista, desculpe-me que lhe diga que se algum de nós parece o Jan-Jan é você e não eu... Olhe cá para mim. Tenho sessenta... e vários. Não tenho família, no sentido de mulher e filhos. Estou farto de comer hortaliga e beber água chalda... E o meu amigo acha que eu devo ter o terror pânico do fim e não posso saber, com uma razoável aproximação quando ela virá?

BAPTISTA

Ninguém sabe. Se se pudesse saber isso, de certeza, acabaria a indústria dos seguros de vida...

J. LOURENÇO

Mas com uma certa probabilidade, uma certa aproximação?... É por isso mesmo que existe a tal indústria...

BAPTISTA

Nos grandes números sim. Em casos individuais não. E eu não sou profeta. Posso morrer antes de você.

J. LOURENÇO

É a última palavra?

BAPTISTA

No sentido de não condescender consigo em dizer asneiras, é...

J. LOURENÇO

Está bem. Seja.